

O MÉTODO DIALÉTICO E A ANÁLISE DO REAL

*Luis Henrique Zago**
luishenriquezago@hotmail.com

RESUMO *Ao evidenciar que as relações estabelecidas por homens e mulheres com o meio concreto engendram o real, a dialética torna exequível a revolução do status quo por possibilitar a compreensão de que o mundo é sempre resultado da práxis humana, seja ela marcada por relações de dominação que reificam e fetichizam a prática social, seja marcada por relações que operam a humanização dos homens e mulheres. Ao romper com os fetiches, ou seja, ao perceber que os objetos não devem sujeitá-los, homens e mulheres avançam de encontro à reificação, alçando-se a possibilidade de revolucionar suas condições de existência. Assim, o rompimento da pseudoconcreticidade ocorre no momento em que se evidencia que a realidade social se concretiza por meio das condições de produção e reprodução da existência social das pessoas, que é em nossa sociedade marcada pela luta de classes. Este processo de rompimento exige um esforço construtor de uma interpretação do real que vá para além de uma representação caótica do todo, típico das vivências cotidianas. Este artigo postula que o método materialista histórico dialético pode auxiliar neste processo. Partindo desta constatação, elabora-se reflexão sobre este método de análise do real.*

Palavras-chave *Dialética, pseudoconcreticidade, realidade e ciência.*

SUMMARY *By showing that the relationships established by men and*

* Professor de Filosofia da Faculdade da Fundação Educacional de Araçatuba. Artigo recebido em 21/07/2011 e aprovado em 26/12/2011.

women with the practical means to engender real, dialectic makes possible the revolution of the status quo by allowing the understanding that the world is always the result of human practice, it is marked by relations of domination that fetishize and reify the social practice or marked by relationships that operate at the humanization of men and women. By breaking with the fetishes, or to realize that objects should not expose them, men and women advance against reification, raising the possibility of revolutionizing his conditions of existence. Thus, disruption of pseudoconcreteness occurs at the moment is evident that social reality is concretized through the conditions of production and reproduction of social existence, which is in our society marked by class struggle. This process requires a breakout effort to construct an interpretation of reality that go beyond a representation of the whole chaotic, typical of everyday experiences. This article posits that the historical materialist dialectical method can help this process. Based on this observation, we undertake reflection on this method of analysis of the real.

Keywords *Dialectics, pseudoconcreteness, reality and science.*

Segundo Kosik (1976) vivemos em um mundo marcado por uma pseudoconcreteness¹. Neste ambiente o aspecto fenomênico é assumido isoladamente, desconsiderando-se a essência. A realidade possui como elemento constituinte os dois aspectos (fenômeno e essência²), sendo o manifesto nela uma das possíveis representações fenomênicas da essência.

1 Kosik (1976 p.11) caracteriza a pseudoconcreteness da seguinte forma: "A ele [mundo da pseudoconcreteness] pertencem: o mundo dos fenômenos externos, que se desenvolvem à superfície dos processos realmente essências; o mundo do tráfico e da manipulação, isto é, da práxis fetichizada dos homens (...); o mundo das representações comuns, que são projeções dos fenômenos externos nas consciências dos homens, produto da práxis fetichizada, formas ideológicas de seu movimento; o mundo dos objetos fixados, que dão a impressão de serem condições naturais e não imediatamente reconhecíveis como resultado da atividade social dos homens."

2 Entendemos por essência aqueles elementos que por sua primazia garantam a existência de outros elementos que sem aqueles não existiriam. Em Marx o trabalho emerge como elemento essencial na medida em que media a relação entre o homem e a natureza tornando possível o processo de "emergir" do humano do mundo natural, o que leva a constituição de uma "segunda natureza". Os fenômenos, elementos decorrentes da essência, apresentam-se como uma das muitas formas de ser da essência. Segundo Ranieri (2002/2003 p.11) os fenômenos "... agem socialmente no sentido de estabelecer direções possíveis à articulação da essência, constituindo-a, e mesmo determinando a direção tomada pelo complexo como um todo, na medida em que constituem formas que têm por trás a possibilidade da reflexão e da decisão, uma vez que são conscientizadoras da ação humana. Os complexos são capazes de modificar a direção dos caminhos percorridos pela essência, e sua articulação com a primeira das categorias (o trabalho) é a verdadeira natureza movente e movida do processo de estruturação daquela essência. A essência do ser social é, portanto, todo o processo passado do qual ela mesma é o resultado."

Uma análise acurada deve ponderar que as partes constituintes do real devem ser apreendidas como unidade, mesmo que a essência seja percebida como diferente e não imediatamente como o fenômeno. Parte-se do observável rumo à essência, o que tornará possível a compreensão do ser social como totalidade que se relaciona intimamente a vida material e concreta dos seres humanos.

Como os elementos que marcam a forma de ser dos objetos devem ser percebidos de forma integrada (como todo) é imprescindível notar a relação entre os diferentes níveis de totalidade do real para uma compreensão precisa das coisas. Esta integração pressupõe que não existe domínio de estruturas que se sobreponham umas as outras. A necessidade de integrar os diferentes níveis de totalização torna imprecisa e infecunda para a compreensão da realidade leituras que promovam uma cisão, como a realizada por Althusser (1992), da organização social em infra-estrutura e superestrutura ou em aparelhos ideológicos e repressores. Não é possível separar as instituições educacionais, por exemplo, de outras esferas da sociedade como realiza o autor francês³. O sistema do capital afeta todos os elementos da sociedade e os integra em uma ordem maior como lembra Mézaros (2005 p.43):

As determinações gerais do capital afetam profundamente cada âmbito particular com alguma influência na educação, e de forma nenhuma apenas instituições educacionais formais. Estas estão estritamente integradas na totalidade dos processos sociais. Não podem funcionar adequadamente exceto se estiverem em sintonia com as determinações educacionais gerais da sociedade como um todo.

O perigo de leituras como a de Althusser (1992), é produzir a equivocada ilusão de que existam instituições, ou como quer o autor aparelhos, independentes das ações humanas que acabam por determinar e subjugar os sujeitos. Ao cindir a sociedade perde-se a percepção de que na verdade todos os elementos estão interligados. O autor acaba por corroborar o equívoco de que existe uma “mão invisível” a gerir o sistema, o que pode suscitar nas

3 O método dialético, tal como proposto por Hegel e Marx, é justamente uma tentativa de pensar o mundo integrando as diferentes esferas contraditórias do real. Pressupõe-se que pensar dialeticamente seja pensar por contradições e que ao separar as diferentes esferas da realidade tem-se um empobrecimento da percepção do real por perder-se a totalidade. Sobre a necessidade de integrar as esferas contraditórias do real escreveu Hegel (2007:26) “O botão desaparece no desabrochar da flor, e poderia dizer-se que a flor o refuta; do mesmo modo que o fruto faz a flor parecer um falso *ser-aí* da planta, pondo-se como sua verdade em lugar da flor: essas formas não só se distinguem, mas também se repelem como incompatíveis entre si. Porém, ao mesmo tempo, sua natureza fluida faz delas momentos da unidade orgânica, na qual, longe de se contradizerem, todos são igualmente necessários. E essa igual necessidade que constitui unicamente a vida do todo. Mas a contradição de um sistema filosófico não costuma conceber-se desse modo; além disso, a consciência que apreende essa contradição não sabe geralmente libertá-la – ou mantê-la livre – de sua unilateralidade; nem sabe reconhecer no que aparece sob a forma de luta e contradição contra si mesmo, momentos mutuamente necessários.”

peças conformismo e passividade quanto a necessidade de interferir no real. Sobre isso escreve Pierre Bordieu (*apud* Ranieri 2002/2003 p.28)

Converter em entidades transcendentais, que estão nas práticas da relação entre essência e existência, as construções a que a ciência deve recorrer, para dar a razão dos conjuntos estruturados e significativos que a acumulação de inúmeras ações históricas produz, é reduzir a história a um 'processo sem sujeito' e substituir, simplesmente, o 'sujeito criador' do subjetivismo por um autômato subjugado pelas leis mortas de uma história da natureza. Essa visão imanentista que faz da estrutura, Capital ou Modo de produção, uma *entelecheia* se desenvolvendo ela mesma num processo de auto-realização, reduz os agentes históricos ao papel de suportes (*Träger*) da estrutura e, suas ações, a simples manifestações epifenomenais do poder que pertence à estrutura de se desenvolver segundo suas próprias leis, e de determinar ou sobredeterminar outras estruturas.

Diferentemente do que afirma Althusser (1992) a dialética marxiana pressupõe uma visão totalizante do real, ou seja, por meio dela tenta-se perceber os diferentes elementos sociais como interligados a uma mesma totalidade. O agir e o pensar, mesmo que não nos demos conta disso, sempre implicam a percepção do todo, uma certa visão do conjunto das relações.

Evidentemente existem diferentes níveis de totalização. Há totalidades mais abrangentes que envolvem outras de menor abrangência. A abrangência de uma totalidade relaciona-se ao nível de generalização alcançado pelo pensamento e aos objetivos das pessoas em cada situação específica. Sobre isso escreve Konder (1991 p.39)

Se eu estou empenhado em analisar as questões políticas que estão sendo vividas pelo meu país, o nível de totalização que me é necessário é o da visão de conjunto da sociedade brasileira, da sua economia, da sua história, das suas contradições atuais. Se, porém, eu quiser aprofundar a minha análise e quiser entender a situação do Brasil no quadro mundial, vou precisar de um nível de totalização mais abrangente: vou precisar de uma visão de conjunto do capitalismo, da sua gênese, da sua evolução, dos seus impasses no mundo de hoje. E, se eu quiser elevar a minha análise a um plano filosófico, precisarei ter, então, uma visão de conjunto da história da humanidade...

Os diferentes níveis de totalidade são identificados por Vygotsky como unidades. Para o autor soviético ao se segmentar a realidade em unidades de análise deve se tomar o cuidado de abarcar uma unidade que preserve em si as características essenciais da totalidade. Para não incorrer no risco de que se considere que a unidade de análise não necessita possuir em si as características fundamentais da totalidade optou-se neste trabalho por não usar o termo unidade, mas totalidade de menor ou maior abrangência. O complicador neste tipo de análise do real é conseguir encontrar um nível de totalidade que preserve em si as características essenciais dos níveis mais

abrangentes. Ao discutir a postura dos pesquisadores de psicologia que ao estudar o real dividem a realidade em elementos mais simples sem o devido cuidado Vygotsky (2000 *apud* Duarte p.89) comenta a necessidade de se ter apreço pela busca da totalidade na análise do real:

Cremos que substituir esse tipo de análise por outro muito diferente é um passo decisivo e crítico para a teoria do pensamento e da linguagem. Teria de ser uma análise que segmentasse o complexo conjunto em unidades. Por unidade entendemos o resultado da análise que, diferentemente dos elementos, goza de todas as propriedades fundamentais características do conjunto e constitui uma parte viva e indivisível da totalidade. Não é a fórmula química da água senão o estudo das moléculas e do movimento molecular o que constitui a chave da explicação das propriedades definidoras da água. Assim, a célula viva, que conserva todas as propriedades fundamentais da vida, definidora dos organismos vivos, é a verdadeira unidade da análise biológica

No cotidiano, a percepção do todo não é nítida porque são pinçados apenas alguns aspectos mais relevantes do todo que nortearão as condutas e os pensamentos. Mesmo assim, a totalidade continua como pano de fundo, como lembra Kosik (1976 p.15). “O ‘horizonte’ – obscuramente intuído – de uma realidade indeterminada como todo constitui o pano de fundo inevitável de cada ação e cada pensamento, embora ele seja inconsciente para a consciência ingênua.”

Quando no cotidiano o todo é percebido sem clareza estrutura-se um pensamento de senso comum que tende a representar os objetos como se eles estivessem desligados de suas condições históricas e sociais. Ao representar os objetos desta forma este tipo de pensamento acaba por negar o movimento dialético dos elementos, afastando-se do mundo real rumo a pseudoconcreticidade. Mesmo que a totalidade não seja percebida ela continua existindo e determinando as partes que a compõem.

Em oposição ao pensamento de senso comum a dialética se propõe a compreender a “coisa em si”, construindo uma compreensão da realidade que considere a totalidade como dinâmica e em constante construção social. Ao considerar a realidade desta forma a dialética rompe com a pseudoconcreticidade, por desvelar as tramas que relacionam a essência ao fenômeno. Foi por isso que Hegel (2007:36) preconizava: “O verdadeiro é o todo. Mas o todo é somente a essência que se implementa através de seu desenvolvimento.”

Marx e Engels (2007) ao usarem a dialética objetivam suprimir a immediaticidade e a pretensa independência com que o fenômeno surge, subsumindo-o a sua essência. Com a dialética os elementos cotidianos deixam de ser naturalizados e eternizados, passando a ser encarados como sujeitos

da práxis social da humanidade. Neste sentido, a dialética é um esforço para perceber as relações reais (sociais e históricas) por entre as formas estranhadas com que se apresentam os fenômenos. Segundo Marx e Engels (2007:42):

Ela [a história] não tem necessidade, como na concepção idealista de história, de procurar uma categoria em cada período, mas sim de permanecer constantemente sobre o solo da história real; não de explicar a práxis partindo da ideia, mas de explicar as formações ideais a partir da práxis material e chegar, com isso, ao resultado de que todas as formas e [todos os] produtos da consciência não podem ser dissolvidos por obra da crítica espiritual, por sua dissolução na ‘autoconsciência’ ou sua transformação em ‘fantasma’, ‘espectro’, ‘visões’ etc., mas apenas pela demolição prática das relações sociais reais [*realen*] de onde provêm essas enganações idealistas...

Não é exclusividade do pensamento dialético a percepção da necessidade de se buscar a essência constituinte do mundo fenomênico. Esta se apresenta como uma das grandes questões da filosofia contemporânea, como fica patente, por exemplo, nas elucubrações filosóficas expostas pela fenomenologia. Ao propor a redução fenomenológica, Husserl está objetivando justamente a essência do fenômeno, que é alcançada, segundo ele, por meio do rompimento com a atitude cotidiana de relacionar-se com o mundo. Por meio de uma postura transcendental, os fenomenólogos acreditam conseguir atingir um nível de consciência em que é possível apreender a essência do real. Assim, a fenomenologia constitui-se como uma ciência das essências. Sobre isso afirma Galeffi (2000 p.24)

“Portanto, a tarefa da Fenomenologia Transcendental é a de elucidar e rastrear gradualmente todos os possíveis dados da consciência, segundo as suas modalidades e possíveis modificações de comportamento. Trata-se da construção de uma *ciência das essências*, construção edificada ‘passo a passo’; uma *ciência das essências*...”

Pode soar paradoxal que pesquisadores alinhados a uma corrente denominada fenomenologia se preocupem justamente com a essência, no entanto, os fenomenólogos postulam que o modo típico do aparecer dos fenômenos à consciência seja por meio das essências. Os teóricos desta linha entendem as essências como os universais, os conceitos que tornam possíveis a classificação, reconhecimento e distinção dos diferentes fatos particulares. Por meio dos universais são reconhecidos os diferentes modos de se apresentar dos fenômenos. Apesar de preconizar o retorno às coisas, ao se organizar desta forma a fenomenologia acaba por afastar-se das coisas uma vez que coloca a consciência como aquela que significa e dá sentido ao real.

De forma diversa, a dialética marxiana busca o significado do real na atuação histórica, concreta e material das pessoas. É na história que os

seres humanos engendram e significam o mundo ao seu redor. História aqui entendida não como a sucessão dos fatos, mas como luta cotidiana dos homens e mulheres para produzir suas condições materiais de existência na relação com a natureza mediada pelo trabalho, bem como, o modo como os seres humanos interpretam essas relações⁴. Assim, não é a consciência a essência, mas a relação com o meio concreto. A consciência, não é apenas organizadora do meio, mas também ente que se organiza em função e em relação com o material. Segundo Marx e Engels (2007 p.41): “de acordo com o já exposto, é claro que a efetiva riqueza espiritual do indivíduo depende inteiramente da riqueza de suas relações reais”. As formas de pensamento sejam elas reais ou ilusórias refletem as relações efetivas entre os sujeitos. Tanto a linguagem quanto o próprio pensamento são resultantes das condições históricas, materiais em que se encontram as pessoas. Ao discutir estas questões Chasin (*apud* RAGO FILHO 2010 p.2) explicita isto

Atividade ideal é atividade social. O pensamento tem caráter social porque sua atualização é a atualização de um predicado do *homem*, cujo ser é, igualmente, atividade social. Na universalidade ou na individualidade de cada modo de existência teórica – cientista, pensador etc. – o pensamento é atividade social, inclusive pelos materiais e instrumentos empregados. Em síntese, consciência, saber, pensamento etc., sob qualquer tipo de formação ideal, das mais gerais às mais específicas, da mais individualizada à mais genérica, dependem do ser da atividade sensível, socialmente configurado, ao qual confirmam por sua atividade abstrata, igualmente social. (CHASIN *apud* RAGO FILHO 2010 p.2)

O método dialético irá justamente buscar as relações concretas e efetivas por trás dos fenômenos. Sobre esta posição marxiana escreveu Walhens (*apud* Kosik 1976 p.17): “O marxismo é o esforço para ler, por trás da pseudoimediatez do mundo econômico reificado as relações inter-humanas que o edificaram e se dissimularam por trás de sua obra.”

O entendimento pleno destas relações inter-humanas está para além do fenomênico, formando o que vem a ser a coisa em si, que apesar de distinta do fenômeno se manifesta de forma mediata a ele. Marx (1986:620) expressa o fato de que a essência é diferente do aparente em *O Capital* quando discute o conceito de mais valor: “Todas as ciências, exceto a economia política, reconhecem que as coisas apresentam frequentemente uma aparência oposta à

4 Marx e Engels (2007 p.40) entendem a história da seguinte forma: “A história nada mais é do que o suceder-se de gerações distintas, em que cada uma delas explora os materiais, os capitais e as forças de produção a ela transmitidas pelas gerações anteriores; portanto por um lado ela continua a atividade anterior sob condições totalmente alteradas e, por outro, modifica com uma atividade completamente diferente as antigas condições...”

sua essência.” O fenômeno torna patente algo que não é ele mesmo, o que faz com que sua razão de ser esteja em seu contrário. A sua função primordial é indicar a essência, que se manifesta nele de modo parcial ou apenas sob certos ângulos e aspectos⁵. Os fenômenos são aspectos singulares historicamente desenvolvidos, que manifestam uma das muitas possibilidades de ser da essência. Assim, compreender o fenômeno é justamente atingir a essência da coisa. Em oposição ao singular a essência é extraída da complexidade do real, é o elemento comum de diversas entificações fenomênicas aquilatadas.

Temos de frisar que apesar de serem percebidos em momentos distintos da ação humana fenômeno e essência estão intimamente ligados formando o todo. O mundo fenomênico se constitui na concomitante relação de manifestar e esconder a essência. Segundo Kosik (1976 p.12) “Captar o fenômeno de determinada coisa significa indagar e descrever como a coisa em si se manifesta naquele fenômeno, e como ao mesmo tempo nele se esconde.”

Para se chegar à compreensão e conceituação da essência é imprescindível um esforço que abstraia as coisas do campo prático. Inicialmente os objetos não surgem como elementos a serem analisados e compreendidos teoricamente; apresentam-se como campo para a atividade prático sensível, que resulta em uma intuição prática da realidade, poder-se-ia afirmar cotidiana. Segundo Kosik (1976 p.10):

No trato prático utilitário com as coisas – em que a realidade se revela como mundo dos meios, fins, instrumentos, exigências e esforços para satisfazer a estas – o indivíduo ‘em situação’ cria suas próprias representações das coisas e elabora todo um sistema correlativo de noções que capta e fixa o aspecto fenomênico da realidade.

O processo rumo a uma compreensão que vá além do campo prático liga-se a uma percuciente análise que envolve abstrações que atingem a essência das coisas. O que significa que por meio deste processo é possível atingir o concreto através da mediação do pensamento científico⁶, ou seja, rompe-

5 Tanto Marx (1985) quanto Hegel (2007) percebem que a essência não se manifesta imediatamente tornando necessárias formas peculiares de conhecimento como a ciência e a filosofia. Ao discutir a transformação do valor ou do preço da força de trabalho em salário Marx (1985 p.625) explicita isso: “À forma aparente, ‘valor e preço do trabalho’ ou ‘salário’, em contraste com a relação essencial que ela dissimula, o valor e o preço da força de trabalho, podemos aplicar o que é válido para todas as formas aparentes e seu fundo oculto. As primeiras aparecem direta e espontaneamente como formas correntes de pensamento; o segundo só é descoberto pela ciência.” Hegel (2007 p.41) ao esclarecer os objetivos da *Fenomenologia do Espírito* vai na mesma direção de Marx: “O que esta Fenomenologia do Espírito apresenta é o vir-a-ser da ciência em geral ou do saber. O saber, como é inicialmente – ou o espírito imediato – é algo carente-de-espírito: a consciência sensível. Para tornar-se saber autêntico, ou produzir o elemento da ciência que é seu conceito puro, o saber tem de se esfaltar através de um longo caminho.”

6 O processo de mediação consiste justamente na prática de reflexão. Sobre a mediação escreveu Hegel (2007 p. 36): “Com efeito, a mediação não é outra coisa senão a igualdade-consigo-mesmo semovente,

se com o cotidiano, com o senso comum, evita-se a simples apreensão das manifestações mais aparentes da realidade e por meio da mediação constrói-se o concreto pelo pensamento.

Atingir o concreto pelo pensamento, através da mediação, não significa aderir ao idealismo. O método materialista histórico dialético postula que apesar de o conhecimento ser construído pelo pensamento ele ainda assim é social⁷ e, quando o processo é feito de forma correta, um reflexo da realidade. Sobre isso escreve Vygotsky (*apud* Duarte 2000 p.88)

Este novo enfoque nos mostra que a realidade determina nossa experiência; que a realidade determina o objeto da ciência e seu método e que é totalmente impossível estudar os conceitos de qualquer ciência prescindindo das realidades representadas por esses conceitos. F. Engels assinala repetidas vezes que para a lógica dialética a metodologia da ciência é o reflexo da metodologia da realidade.

A abstração, que consiste na maneira de proceder do pensamento, é o processo por meio do qual alguma coisa é destacada para ser objeto de estudo ou pesquisa. Segundo Abbagnano (1962), o ato de abstrair envolve dois elementos, o isolamento da coisa pré-escolhida das demais com que ela se relaciona e a pesquisa propriamente dita do que foi separado. Por ser apropriação ideal de objetos reais as abstrações imbricam-se as condições históricas e sociais dos indivíduos que as executam, ou seja, a maneira como se dá o posicionamento epistemológico que norteia as abstrações se relaciona ao momento histórico e social em que se encontra o pesquisador. Há que se considerar que toda pesquisa se liga aos problemas e necessidades surgidos no próprio corpo social e que serão estudadas em conformidade com os modos como a essência se apresenta a sociedade. Sobre isso escrevem Marx e Engels (2007 p.93):

As representações que estes indivíduos produzem são representações, seja sobre sua relação com a natureza, seja sobre suas relações entre si ou sobre sua própria condição

ou a reflexão sobre si mesmo, o momento do Eu para-si-essente, a negatividade pura ou reduzida à sua pura abstração, o *simples vir-a-ser*. O Eu, ou o vir-a-ser em geral – esse mediatizar –, justamente por causa de sua simplicidade, é a imediatez que vem-a-ser, e o imediato mesmo.”

7 O social, o material é a base para toda a produção teórica. Evidentemente para que esta base seja percebida e compreendida é imprescindível a mediação do pensamento o que pode levar a ilusão de que o pensamento tem a primazia em relação ao material. Cumpre lembrar que o próprio pensamento parte de uma base material e biológica que foi construída ao longo de uma história evolutiva que se fez socialmente. Sobre a primazia do material escrevem Marx e Engels (2007 p.106): “A matéria é, um ser atual, real, mas o é apenas em si, como algo oculto; apenas ela ‘se estende e se realiza ativamente na multiplicidade’ (um ‘ser atual, real’ ‘se realiza’!!) é que ela se torna natureza. Existe, em primeiro lugar, o conceito de matéria, o abstrato, a representação, e esta realiza a si mesma na natureza real. Temos aqui, textualmente, a teoria hegeliana da preexistência das categorias criadoras.”

natural [*Beschaffenheit*]. É claro que, em todos esses casos, essas representações são uma expressão consciente – real ou ilusória – de suas verdadeiras relações e atividades, de sua produção, de seu intercâmbio, de sua organização social e política.

Apesar de as abstrações quando corretas reproduzirem parcialmente o concreto por meio do pensamento elas não fundam o real e não são o concreto, longe disto, é o pensamento que se constitui na relação com o concreto o compreendendo de forma limitada.

A reprodução do concreto pelo pensamento envolve o esforço de síntese das diversas determinações do real, ou seja, o concreto pensado é a unidade do diverso⁸. Neste sentido o concreto pensado se aproxima do conceito idealista, porém o modo de alcançar e de entendê-lo é incomensuravelmente diferente da proposta idealista. Enquanto para o idealismo o conceito é o elemento que confere realidade às coisas, no materialismo histórico dialético, o concreto pensado surge como resultado da relação com o real. Sobre isso escrevem Marx e Engels (2007 p.94):

Totalmente ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui se eleva da terra ao céu. Quer dizer, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida

Pelo que foi escrito acima se torna patente a divergência com o idealismo. Hegel, possivelmente o maior dos idealistas contemporâneos, nega que abstrair signifique retirar da realidade material elementos para serem conceituados. Para ele, o real, o concreto são os conceitos, sendo a realidade material privada de concreticidade.

Idealistas sobrevalorizam o conceito, conferindo a ele a primazia em relação aos elementos materiais, por ser ele o ponto de partida para a representação do real e por ser o elemento por meio do qual se organiza o mundo no pensamento. Estas características engendram a ilusão de que o conceito confere realidade às coisas. É necessário perceber que apesar de ser ponto de partida para a compreensão do real o conceito estrutura-se a partir da realidade vivida pelos homens e mulheres. Sobre isso escreve (Marx 2011 p.54):

“Por isso, Hegel caiu na ilusão de conceber o real como resultado do pensamento que sintetiza-se em si, aprofunda-se em si, e movimenta-se a partir de si mesmo, enquanto

8 “O concreto é concreto por que é síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade” (Marx 2011 p.54)

o método de ascender do abstrato ao concreto é somente o modo do pensamento de apropriar-se do concreto, de reproduzi-lo como um concreto mental. Mas de forma alguma é o processo de gênese do próprio concreto.”

Assim para os idealistas são os conceitos a essência do real. Os filósofos desta corrente de pensamento fazem uma inversão em relação ao materialismo conferindo primazia ao conceito, por ser, segundo eles, a substância do real.

Por meio dos conceitos as pessoas organizam a realidade que as envolve. Os conceitos relacionam-se a categoria de universalidade. Originalmente os objetos surgem destituídos de sentido as pessoas. Inicialmente contempla-se o mundo como um todo sem sentido. A categoria de universalidade surge quando o multiverso inicial destituído de sentido se articula ganhando significação. Segundo Ranieri (2002/2003 p.18): “precisamente ela [categoria de universalidade] é a passagem do multiverso sem valor ao universo, o mundo que se apresenta de forma generalizada, porém, organizada, com sentido.” Esse universo é significativo a consciência humana por ser justamente produto da consciência dotada de condições de generalizar e abstrair.

A categoria de universalidade organiza as coisas em elementos sintéticos igualmente abstratos, decorrentes do processo de generalização, mas que se desmembram formando unidades universais dos elementos singulares. São por exemplo os conceitos universais de mesa, árvore, ser humano que abarcam uma totalidade de seres singulares de determinado grupo que usamos para organizar o nosso pensamento sobre as coisas. Estes conceitos formam uma unidade sintética pré ideada dos elementos singulares, formam o uno, ou seja, um conceito que envolve uma totalidade de singularidades diversas que podem ser agrupadas sobre a mesma categoria. Em si mesma a singularidade não é compreendida, a compreensão torna-se possível somente pela mediação do uno, que ordena a capacidade de generalização do pensar.

Apesar de o uno surgir à consciência como substância a priori, como pura construção ideal, na verdade não passa de representação decorrente de generalizações que os homens e mulheres constroem no contato com entes singulares. Segundo Ranieri (2002/2003 p.19):

(...) [o uno] enquanto tal, prescinde de base material imediata, pois se apresenta como imagem que nutre o próprio pensamento – o singular se expressa na forma do objeto-outro, aquele ser-para-nós que aparece de forma acabada, quando o pressuposto das mediações não tem mais lugar. Ele é o próprio resultado do processo de mediação. Finalmente, o universal absorvido valorativamente é decomposto em singularidades concernentes a um processo único, e o conceito universal abstrato (singular) depara-se com a universalidade do múltiplo.

O ente singular se nega enquanto concreto no conceito universal e retorna a si mediado por este conceito onde alcança a sua compreensão. Cabe a particularidade esclarecer este processo, ou seja, cabe a ela demonstrar as relações entre o objeto concreto e o universal. Segundo Ranieri (2002/2003 p.19): “cabe a ela [particularidade] desvendar o terreno das mediações que são circunscritas pelas esferas fenomênicas e indicar as formas conjugadas dessas esferas com a realidade da essência”, ou seja, compreender de que forma a complexidade social apresenta fenomenicamente a essência. Este desvendamento é factível apenas pela identificação dos elementos concretos que influem na estruturação do objeto.

A identificação dos elementos concretos pressupõe um caminho que passa pela esfera de atividade humana, a posterior apreensão desta atividade na relação sujeito objeto e, por fim, a reprodução conceitual do objeto. Este caminho deve possibilitar que os diversos elementos que determinam a forma de ser do objeto apareçam plenamente integrados as varias esferas possíveis de existência. Evidentemente a atividade humana concreta detém a primazia neste caminho, afinal é a partir do concreto que se estrutura o social e o teórico, sobre isso escreve Lukács (*apud* Ranieri 2002/2003 p.20):

Quando um automóvel vem ao meu encontro numa encruzilhada posso vê-lo como um fenômeno tecnológico, como um fenômeno sociológico, como um fenômeno relativo à filosofia da cultura, etc.; no entanto, o automóvel real é uma realidade, que poderá me atropelar ou não. O objeto sociológico ou cultural ‘automóvel’ é produzido, antes de tudo, em um ângulo visual que depende dos movimentos reais do automóvel e é a sua reprodução no pensamento. Mas o automóvel existente é, por assim dizer, sempre primário em relação ao ponto de vista sociológico a seu respeito, já que o automóvel andaria mesmo que eu não fizesse sociologia alguma sobre ele, ao passo que nenhum automóvel será posto em movimento a partir de uma sociologia do automóvel. Há, pois, uma prioridade da *realidade* do real, se assim se pode dizer; e, segundo penso, devemos tentar voltar a estes fatos primitivos da vida e compreender os fenômenos complexos partindo dos fenômenos originários.

Para Marx (2011), a percepção que integra as várias formas de ser dos objetos torna imprescindível que se consiga distinguir o menos desenvolvido do mais desenvolvido. Uma vez que a abstração que possibilita a integração, deve partir preferencialmente da forma mais desenvolvida. O que não significa que o menos desenvolvido é considerado como irreal ou menos real, considera-se apenas que a sua razão de ser encontra-se na forma mais avançada. Sobre isso escreveu Marx (2011p.58) ao abordar as formas de entender o desenvolvimento econômico:

A sociedade burguesa é a mais desenvolvida e diversificada organização histórica de produção. Por essa razão, as categorias que expressam suas relações e a compreensão

de sua estrutura permitem simultaneamente compreender a organização e as relações de produção de todas as formas de sociedade desaparecida, com cujos escombros e elementos edificou-se, parte dos quais ainda carrega consigo como resíduos não superados, parte [que] nela se desenvolvem de meros indícios em significações plenas etc. A anatomia do ser humano é a chave para a anatomia do macaco.”

A abstração, seja do mais desenvolvido ou não, deve realizar a análise dos elementos a serem estudados. Segundo Marx (1985) apenas por meio de um processo de análise correta dos elementos da realidade é possível compreender o real de forma científica. Sobre a necessidade de análise promovida pela abstração afirma o filósofo no prefácio da primeira edição de *O Capital*: “na análise das formas econômicas, não se pode utilizar nem o microscópio nem reagentes químicos. A capacidade de abstração substitui estes meios.” (MARX 1985 p.4)

Cumprido destacar que a análise a qual nos referimos difere profundamente da proposta por Descartes (1996) em seu método de abordagem correta do real, no *Discurso do método*. A proposta cartesiana de análise além de desconsiderar os aspectos históricos e sociais da realidade, não passa de um fracionamento para a descrição do imediatamente visível nas inúmeras partes. As inúmeras partes são fracionadas e posteriormente alinhavadas sem se considerar que juntas elas são mais que a sua simples soma. Ao se articularem formando uma totalidade, as partes individuais passam a deter características que não possuiriam se permanecessem separadas.

A análise que propomos objetiva justamente o que está para além do fenomênico, ou seja, a essência, sua natureza e sua origem, defendemos que apenas assim teríamos uma descrição do todo que compõe o real, uma descrição portanto científica. A atividade analítico-abstrativa deve desvelar a relação entre o fenômeno e a essência, demonstrando que eles formam um todo.

Uma descrição científica da realidade parte de uma visão do todo, sempre presente no contato com o real como se afirmou anteriormente, mas ainda nebulosa e imprecisa, ou seja, parte-se de um conceito vazio de significação concreta. Desta representação conceitual vaga rumo-se para uma formulação conceitual que deixe de ser caótica e passe a representar efetivamente a realidade das coisas. Em uma elucidativa passagem Marx (2011 p.54) esclarece este processo de construção do conhecimento:

Parece que o correto é começarmos pelo real e pelo concreto, pelo pressuposto efetivo, e, portanto, no caso da economia, por exemplo, pela população, que é o fundamento e o sujeito do ato social de produção como um todo. Considerado de maneira mais rigorosa, entretanto, isso se mostra falso. A população é uma abstração quando deixo

de fora, por exemplo, as classes das quais é constituída. Essas classes, por sua vez, são uma palavra vazia se desconheço os elementos nos quais se baseiam. P.ex., trabalho assalariado, capital, etc. Estes supõem troca, divisão do trabalho, preço, etc. O capital, p.ex., não é nada sem o trabalho assalariado, sem o valor, sem o dinheiro, sem o preço etc. Por isso, se eu começasse pela população, esta seria uma representação caótica do todo e, por meio de uma determinação mais precisa, chegaria analiticamente a conceitos cada vez mais simples; do concreto representado [chegaria] a conceitos abstratos [*abstrakta*] cada vez mais finos, até que tivesse chegado às determinações mais simples. Daí teria de dar início à viagem de retorno até que finalmente chegasse de novo à população, mas desta vez não como a representação caótica de um todo, mas com uma rica totalidade de muitas determinações e relações.

O pensamento não possui a capacidade de abarcar corretamente o concreto de forma imediata, se tomamos o conceito de população de forma imediata ele não passa de uma abstração que esclarece muito pouco sobre a realidade econômica por não corresponder a complexidade do real. Como o termo população não consegue romper com uma representação caótica do todo é necessário passar a análise, até atingir os conceitos mais simples.

Feita a análise é preciso reconstruir o objeto, faz-se o caminho inverso do mais simples ao conceito que foi o ponto de partida, que ao ser atingido não será mais representado como um todo caótico, mas como uma rica totalidade de determinações. Por meio desse processo, o concreto é reproduzido pelo pensamento.

Mesmo depois de superada a representação caótica do todo e alcançada à totalidade como determinação de relações diversas, esta não é o real, mas apenas o que o ser humano com suas limitadas capacidades consegue apreender e formular sobre o real. A realidade é infinitamente mais complexa do que a capacidade humana de descrevê-la e pensá-la. Sobre isso escreve Marx (2011 p.55):

“O todo com um todo de pensamentos, tal como aparece na cabeça, é um produto da cabeça pensante que se apropria do mundo do único modo que lhe é possível (...). O sujeito real, como antes, continua a existir em sua autonomia fora da cabeça; isso, claro, enquanto a cabeça se comportar apenas especulativa, apenas teoricamente. Por isso, também no método teórico o sujeito, a sociedade, tem de estar continuamente presente como pressuposto da representação.”

Cumprе frisar que a impossibilidade de atingir a plenitude do real não deve desmotivar o processo de busca pela totalidade. Afinal construir uma representação do real que não seja caótica é incomensuravelmente melhor para a ação do que restringir-se a uma interpretação confusa da realidade.

Considerações finais

Ao evidenciar que são as relações estabelecidas por homens e mulheres com o meio concreto que engendram o real a dialética torna exequível a revolução do *status quo*, por possibilitar a compreensão de que o mundo é sempre resultado da práxis humana, seja ela marcada por relações de dominação que reificam e fetichizam a prática social seja marcada por relações que operam a humanização dos homens e mulheres. Ao romper com os fetiches, ou seja, ao perceber que os objetos não devem sujeitá-los, homens e mulheres avançam de encontro à reificação alçando-se a possibilidade de revolucionar suas condições de existência. Assim o rompimento da pseudoconcreticidade ocorre no momento em que se evidencia que a realidade social se concretiza por meio das condições de produção e reprodução da existência social das pessoas que é em nossa sociedade marcada pela luta de classes. Sobre isso escreve Kosik (1976 p.19):

“O mundo real não é, portanto, um mundo de objetos ‘reais’ fixados, que sob o seu aspecto fetichizado levem uma existência transcendente como uma variante naturalisticamente entendida das ideias platônicas; ao invés, é um mundo em que as coisas, as relações e os significados são considerados como produtos do homem social, e o próprio homem se revela como sujeito real do mundo social. (...) Ao contrário do mundo da pseudoconcreticidade, o mundo da realidade é o mundo da realização da verdade, é o mundo em que a verdade não é dada e predestinada, não está pronta e acabada, impressa de forma imutável na consciência humana: é o mundo em que a verdade devém. Por esta razão a história humana pode ser o processo da verdade e a história da verdade. A destruição da pseudoconcreticidade significa que a verdade não é nem inatingível, nem alcançável de uma vez para sempre, mas que ela se faz; logo, se desenvolve e se realiza.”

Todo esse processo de perda de referenciais, de estranhamento e sujeição aos ditames traçados pelo mercado são vivenciados por homens e mulheres. Eles vivem esta realidade em cada momento de suas vidas, sofrem com ela, lutam nela, desanimam, adoecem, às vezes vencem, conquistam e sobrevivem.

Referências bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola - *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1962.
ALTHUSSER, Louis - *Aparelhos ideológicos de estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992
DESCARTES, René - *Discurso do Método*. São Paulo. Nova Cultural, 1996.
DUARTE, Newton – “*A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: A dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar*”, Educação & Sociedade, ano XXI, nº 71, Julho 2000.

- GALEFFI, Dante Augusto – “*O que é isto – a fenomenologia de Husserl?*”, *Ideação*, Feira de Santana, n.5, p.13-36, jan./jun. 2000.
- HEGEL, Georg W. F. - *Fenomenologia do Espírito*, 4ªed., Petrópolis: Vozes, 2007.
- HELLER, Agnes - *O cotidiano e a história*, 4a ed., São Paulo: Paz e Terra, 1970.
- KONDER, Leandro - *O que é dialética?*, 22ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1991.
- KOSIK, Karel - *Dialética do Concreto*, 2ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 1976.
- LEONTIEV, A. - *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- MARX, Karl - *O capital: crítica da economia política*, 10ª ed., São Paulo: Difel, 1985.
- _____ - *Grundrisse: Manuscritos econômicos de 1857- 1858 Esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- _____ - *Manuscritos econômicos-filosóficos*, São Paulo: Boitempo, 2004.
- MARX, K. e ENGELS, F. - *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas 1845- 1846*, São Paulo: Boitempo, 2007.
- MÉZAROS, István - *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- RAGO FILHO, Antonio - *J. Chasin: A Teoria das Abstrações*. Disponível em: http://www.verinotio.org/edicoes_antiores.htm. Acesso em: 15/07/2010.
- NIETZCHE, Friedrich Wilhelm - *Os pitagóricos*. In: *Pré-Socráticos: Fragmentos, Doxografia e Comentários*. São Paulo. Nova Cultural, 1996.
- RANIERI, Jesus – “*Sobre o conceito de ideologia*”, *Estudos de Sociologia*, Araraquara v 13/14: 7-36, 2002/2003.
- _____ - *Alienação e Estranhamento: A atualidade de Marx na crítica contemporânea do Capital*. Disponível em: http://www.nodo50.org/cubasigloXXI/congreso06/conf3_ranieri.pdf. Acesso em: 10/04/2009.
- SIRGADO, Angel Pino – “*A corrente sócio-histórica de psicologia: fundamentos epistemológicos e perspectivas educacionais*”, *Em Aberto*, Brasília, ano 9, n. 48, out./dez. 1990.